

USO DE PLANTAS MEDICINAIS POR IDOSOS DO GRUPO DE CONVIVÊNCIA DA UNIVERSIDADE ABERTA A MATURIDADE

Ana Carolina Bezerra; Alfredo Rosas de Lima Junior; Luana da Silva Barbosa; Camila Firmino de Azevedo

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus II, Lagoa Seca/PB - acbezerra78@gmail.com;

RESUMO

Grande parcela dos idosos utilizam plantas medicinais com frequência no tratamento de diversos problemas de saúde, principalmente por ser de baixo custo e fácil de ser encontrado. Além disso, o uso tradicional dessas plantas provém de um conhecimento passado de geração em geração e respeitado até os dias de hoje, especialmente pelos idosos. Com isso, o objetivo deste trabalho foi conhecer a forma de uso de plantas medicinais por idosos do grupo de convivência da Universidade Aberta a Maturidade (UAMA) pertencente à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Campina Grande - PB. Para coleta dos dados foram realizadas entrevistas com 22 idosos do grupo de convivência da UAMA - UEPB. A maioria dos idosos relataram a utilização de plantas medicinais (81,81%). No que se refere a forma de preparo, 45,45% relataram o chá como a principal forma de preparo; e com relação a parte vegetal mais utilizada, 36,36% disseram que usam principalmente a folha. A maioria dos idosos do grupo de convivência da UAMA utilizam as plantas medicinais por que gostam ou porque acreditam que são melhores que os remédios encontrados na farmácia.

Palavras-chaves: medicina popular, etnobotânica, fitoterapia.

ABSTRACT

Many of the elderly often use medicinal plants to treat various health problems, mainly because it is inexpensive and easy to find. In addition, the traditional use of these plants comes from knowledge passed from generation to generation and respected to the present day, particularly the elderly. Thus, the objective of study was to know the use form of medicinal plants for elderly joint living group of Open University to Maturity (UAMA) belonging to the State University of Paraíba in Campina Grande - PB. For data collection were made interviews with 22 elderly joint living group of UAMA – UEPB. Most of the elderly reported the utilization of medicinal plants (81.81%). As regards the form of preparation, 45.45% reported the tea as the main form of preparation, and with regard the plant part most used, 36.36% said they primarily use the leaf. Most elderly of the UAMA joint living group use medicinal plants because like or why believe that are better than medication found in the pharmacy.

Key words: popular medicine, ethnobotany, phytotherapy.

INTRODUÇÃO

O Brasil tem vivenciado um processo de envelhecimento demográfico com particularidades que o destacam na escala mundial. Em 2005, o número de pessoas de 60 anos ou mais ultrapassou 18 milhões, correspondendo a quase 10% da população brasileira (IBGE, 2006). Grande parcela dos idosos utilizam plantas medicinais com frequência no tratamento de diversos problemas de saúde, principalmente por ser de baixo custo e fácil de ser encontrado. Além disso, o uso tradicional dessas plantas provém de um conhecimento passado de geração em geração e respeitado até os dias de hoje, especialmente pelos idosos.

A fitoterapia e o uso de plantas medicinais fazem parte da prática da medicina popular, constituindo um conjunto de saberes internalizados nos diversos usuários e praticantes. Trata-se de uma forma eficaz de atendimento primário à saúde, podendo complementar o tratamento usualmente empregado pela população (ELDIN; DUNFORD, 2001).

Nos países mais pobres a população utiliza as plantas medicinais por tradição e ausência de alternativas econômicas viáveis, já nos países mais desenvolvidos observa-se um maior uso de fitomedicamentos influenciado pelos modismos de consumo de produtos naturais. Este modismo favoreceu a difusão das promessas de cura através das plantas medicinais para males como a impotência, a ansiedade e a obesidade, algumas vezes em um único extrato. O conceito mais perigoso surgido nesta época foi o de que as plantas medicinais não representam quaisquer riscos para a saúde humana por serem naturais e terem sido testadas através de séculos de utilização pela população de todo o mundo (VEIGA JR et al., 2005). Esse fato é de especial importância para os idosos que, em geral, utilizam elevado número de medicamentos e por período prolongado, o que os torna mais vulneráveis aos riscos associados à polifarmácia, tais como o maior potencial de interações medicamentosas (BRUNO; ELLIS, 2005; ALEXANDRE et al., 2008).

Os efeitos adversos decorrentes do uso de plantas podem ocorrer através das interações dos próprios constituintes das plantas medicinais/fitoterápicos com outros medicamentos, ou ainda relacionados às características do paciente (idade, sexo, condições fisiológicas, entre outros). A identificação errônea das espécies vegetais, forma de preparo incorreta e o uso

indiscriminado podem ser perigosos, levando à superdosagem, ineficácia terapêutica e efeitos indesejáveis, o que pode acarretar sérios danos ao usuário com o comprometimento da recuperação de sua saúde (WHO, 2004; BALBINO; DIAS, 2010).

No Brasil, estudos realizados pelo Ministério da Saúde resultaram em um projeto nacional, no qual constam 71 plantas medicinais de interesse do Sistema Único de Saúde (SUS), que são prioritárias para realização de pesquisas. Para que essa inclusão ocorra é essencial que os profissionais da área de saúde conheçam as atividades farmacológicas e a toxicidade das plantas medicinais de cada bioma brasileiro, de acordo com os costumes, tradições e condição socioeconômica da população. Além disso, atualmente, a Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (Rename) conta com 12 medicamentos fitoterápicos de distribuição gratuita para a população (BRASIL, 2012).

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho foi avaliar o uso de plantas medicinais por idosos do grupo de convivência da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA) pertencente à Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande – PB.

METODOLOGIA

Para coleta dos dados foram realizadas entrevistas com 22 idosos do grupo de convivência da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA), pertencente à Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande - PB. O projeto da UAMA foi idealizado com o propósito de oferecer a aquisição do conhecimento em diferentes áreas, a socialização e troca de conhecimento intergeracionais, constituindo-se em uma proposta que possibilita à inclusão social do idoso. Por suas características metodológicas a UAMA é considerada uma iniciativa pioneira no Brasil.

Durante a entrevista os idosos responderam a um questionário que continha perguntas principalmente acerca da utilização e da forma de preparo das plantas medicinais. Os dados coletados foram analisados a partir de análise estatística descritiva mediante determinação das frequências percentuais observadas nas categorias das variáveis. Para a formação do banco de dados foram tomados todos os dados obtidos através do preenchimento do questionário, e

posteriormente tabulados através do software editor de planilhas Excel, sendo elaboradas tabelas de quantificação das respostas, que foram apresentadas em porcentagem de acordo com as variáveis de estudo, sendo os dados analisados descritivamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas foram feitas com 22 idosos (6 homens e 16 mulheres), com idades que variam de 60 a 90 anos. Sendo que destes, 8 (36,36%) são casados, 2 (9,09%) solteiros, 7 (31,81%) viúvos e 5 (22,72%) divorciados. No que se refere à escolaridade, nenhum idoso entrevistado era analfabeto ou analfabeto funcional, 68,18% cursaram o ensino médio, 13,63%, o ensino superior, 9,09%, o fundamental I e 9,09%, o fundamental II (Figura 1).

Segundo o último censo demográfico realizado pelo IBGE em 2010 pode-se constatar que na cidade de Campina Grande - PB a maioria dos idosos são do sexo feminino, o que também foi observado nessa pesquisa.

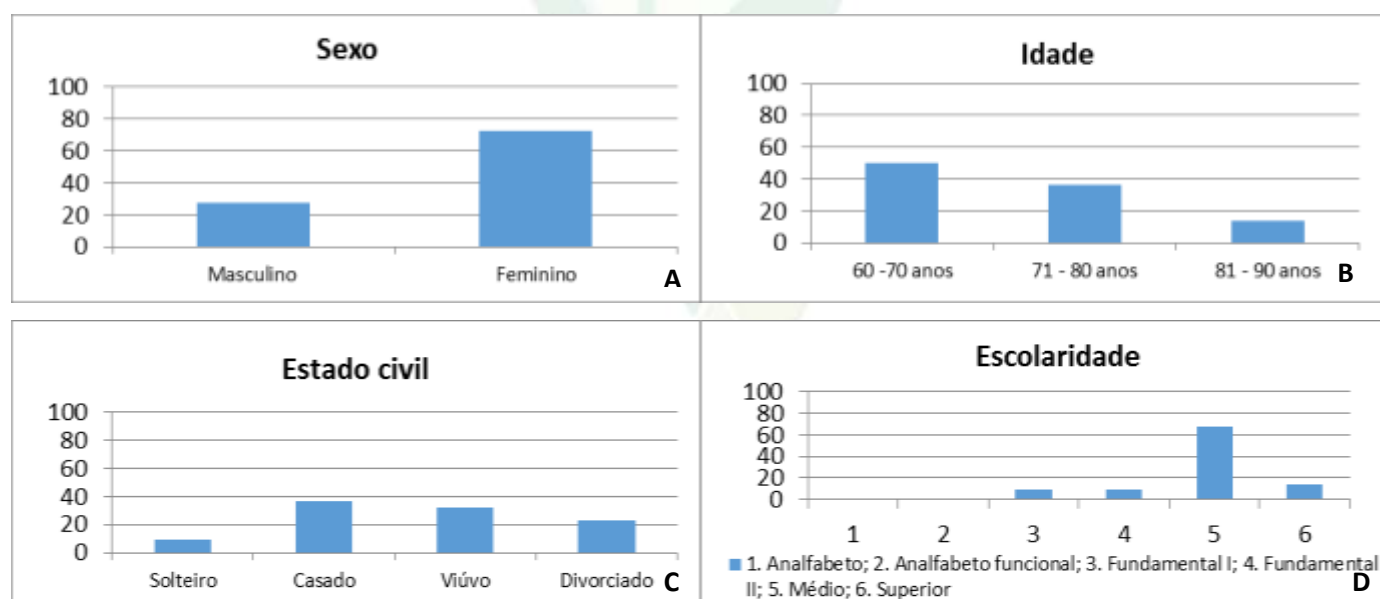


Figura 1. Características dos idosos da Universidade Aberta à Maturidade (UEPB). A. Sexo; B. Idade; C. Estado Civil; D. Escolaridade.

Os idosos foram questionados se em algum momento já tinham utilizado plantas medicinais (Figura 2a), sendo que 81,81% respondeu que sim e 18,18%, respondeu que não. Também foi perguntado aos idosos o motivo de eles utilizarem plantas medicinais (Figura 2b), 22,72% respondeu por que gostam, 22,72%, porque é melhor que remédio de farmácia, 22,72%, outros motivos, 18,18%, respondeu porque não faz mal à saúde, 9,09%, porque é mais fácil de encontrar e 4,54%, porque é mais barato. Em relação à frequência de uso das plantas medicinais (Figura 2c), 50% raramente usam, 18,18% usam só quando está doente, 13,63% nunca usaram plantas medicinais, 9,09% usam quando não tem remédio de farmácia, 4,54% usam de 2 a 3 vezes por semana, 4,54% usam uma vez por semana e nenhum dos entrevistados usa todos os dias.

É recomendada uma frequência de uso de até quatro vezes ao dia, no máximo, em intervalos bem separados, sendo que a pessoa deve tomar apenas uma xícara do chá/infuso de cada vez (MATOS, 2002). O mesmo preparado não deve ser utilizado continuamente por mais de 30 dias, já que o organismo humano tende a responder ao tratamento cada vez menos, ou então com doses cada vez mais elevadas, o que pode trazer riscos de toxicidade (RESENDE, 2003).



Figura 2. Caracterização da utilização de plantas medicinais por idosos da Universidade Aberta à Maturidade (UEPB). **A.** Já fez uso de alguma planta medicinal? **B.** Usa plantas medicinais por quê? **C.** Com que frequência?

Quanto a qual parte da planta é mais utilizada (Figura 3a), 36,36% utilizam as folhas, 27,27%, as flores, 9,09%, as raízes, 9,09%, os frutos, 9,09%, as sementes, 4,54% utiliza a casca

do caule e 4,54% utiliza outras partes. Já com relação à forma de preparo (Figura 3b), a maioria dos entrevistados relatou que faz o chá (45,45%), já os outros entrevistados utilizam na forma de lambedor (22,72%), suco (9,09%), compressa (4,54%) e garrafada (4,54%). Na Figura 3B nota-se que grande parte dos entrevistados adquire suas plantas na própria horta caseira (31,81%), outros adquirem com familiares, amigos ou vizinhos (27,27%) ou também na feira (18,18%). Aos que tinham uma horta caseira foi perguntado quais as plantas são cultivadas e as mais citadas por eles foram hortelã, alecrim, capim-santo, erva-cidreira, colônia, mastruz, cana-do-brejo e louro.

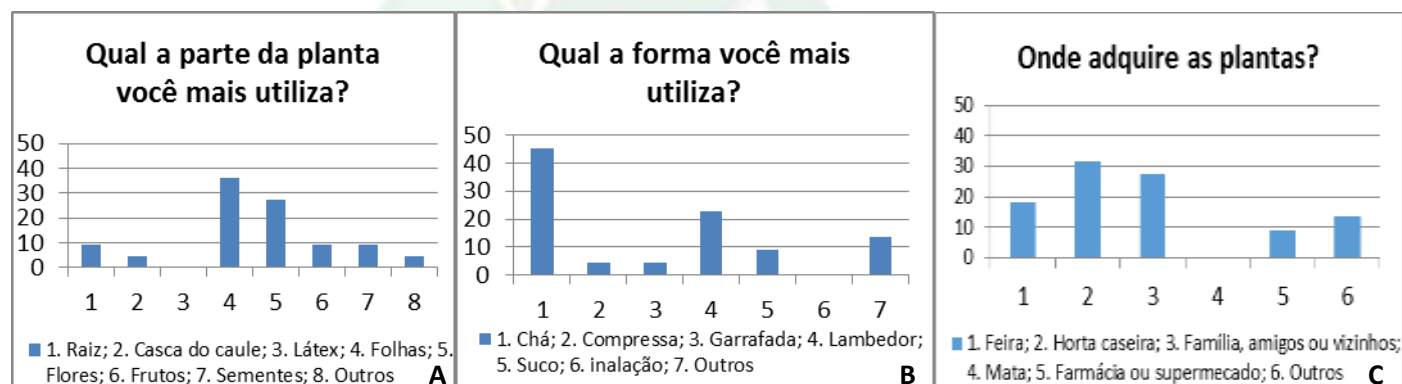


Figura 3. Caracterização da utilização das plantas medicinais por idosos da Universidade Aberta à Maturidade (UEPB). **A.** Qual a parte da planta você mais utiliza? **B.** Qual a forma você mais utiliza? **C.** Onde adquire as plantas?

Lima (2011) também relata que a parte vegetal mais utilizada nas preparações dos remédios caseiros são as folhas, seguido de raízes, cascas, frutos, caules, flores e óleo. Resultados semelhantes foram obtidos por Ming e Amaral Jr (2005), que observaram que a parte mais utilizada por seringueiros na Reserva Extrativista Chico Mendes são as folhas, as quais concentram geralmente grande parte dos princípios ativos das plantas. A utilização de folhas na preparação de remédios caseiros tem sido frequentemente citada em levantamentos etnobotânicos (MAGALHÃES, 1997; GARLET; IRGANG, 2001; SILVA et al., 2011).

O comércio e o uso de plantas medicinais são bastante conhecidos e discutidos no Brasil e no mundo. O mercado atende de diferentes formas o consumidor desse tipo de produto, incluindo as comercializações feitas em empresas, em mercados e em ervanários (BRANDÃO;

FREIRE; VIANNA-SOARES, 1998), no entanto, como observado neste trabalho, ainda é muito comum o cultivo de plantas medicinais em horta caseira, no entanto, muitos produtores de plantas medicinais desconhecem os cuidados que se deve ter nas diversas etapas para a obtenção de matérias-primas ou produtos de qualidade adequada, reduzindo assim sua eficácia (ZARONI et al., 2004)

Outro questionamento feito aos idosos foi o de como ou com quem eles aprenderam a usar as plantas medicinais (Figura 4), destes 40,9% aprenderam a usar com os pais, 13,63% aprenderam com os avós, 13,63% aprenderam através da televisão, 9,09%, através de livros, 9,09%, através de outros meios, 4,54%, com os vizinhos, 4,54%, com profissionais de saúde e 4,54%, através do rádio.

O consumo de plantas medicinais tem base na tradição familiar e tornou-se prática generalizada na medicina popular, sendo considerada uma terapia complementar ou alternativa para a promoção da saúde (LOYA et al., 2009). A origem do conhecimento em relação à utilização de plantas medicinais para grande parte da população que tem a utilização das mesmas como prática de saúde está ligada principalmente às pessoas mais idosas e às pessoas da família (PINTO et al., 2006).



Figura 4. Aquisição do conhecimento sobre a utilização de plantas medicinais por idosos da Universidade Aberta à Maturidade (UEPB) (Através de quem (ou como) aprendeu a usar plantas medicinais?)

CONCLUSÃO

A maioria dos idosos do grupo de convivência Universidade Aberta a Maturidade – UAMA, em Campina Grande – PB utilizam as plantas medicinais por que gostam ou porque acreditam que são melhores que remédios encontrados na farmácia.

REFERÊNCIAS

Alexandre RF, Bagatini F, Simões CMO. Interações entre fármacos e medicamentos fitoterápicos à base de ginkgo ou ginseng. Rev Bras Farmacogn. 2008; 1(8): 117-126.

Balbino EE, Dias MF. Farmacovigilância: um passo em direção ao uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos. Revista Brasileira de Farmacognosia. 2010; 20(6): 992-1000.

Brandão MGL, Freire N, Viannasoares CD. Vigilância de fitoterápicos em Minas Gerais. Verificação da qualidade de diferentes amostras comerciais de camomila. Cadernos de Saúde Pública. 1998; 14(3): 613-616.

Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: <http://dab.saude.gov.br/portaldab/pnpic.php>. Acesso em: 04 jul. 2015.

Bruno JJ, Ellis JJ. Herbal use among US elderly: 2002 National Health Interview Survey. Ann Pharmacother 39: 643-648.

Eldin S, Dunford A. Fitoterapia na atenção primária a saúde. São Paulo: Manole; 2001

Garlet TMB, Irgang BE. Plantas medicinais utilizadas na medicina popular por mulheres trabalhadoras rurais de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil. Revista Brasileira de Plantas Medicinaias. 2001; 4(1): 9-18.

Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística. Síntese de indicadores sociais 2006. Rio de Janeiro: 2006. (Estudos & Pesquisas - Informação demográfica e socioeconômica, 19) Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 jul. 2015.

Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística. Síntese de Indicadores Sociais 2010 [Internet]. Rio de Janeiro: 2010 (Estudos & Pesquisas - Informação demográfica e socioeconômica, 29). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 jul. 2015.

Lima RA, et al. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas na cidade de Vilhena, Rondônia. *Revista Pesquisa & Criação*. Julho/Dezembro de 2011; 10 (2).

Loya AM, et al. Prevalence of polypharmacy, polyherbacy, nutritional supplement use and potential product interactions among older adults living on the United States-Mexico border: a descriptive, questionnaire based study. *Drugs Aging*. 2009; 26 (5): 423-436.

Magalhães RG. Plantas medicinais na Região do Alto Uruguai: conhecimentos de José Martins Fiúza, Sarampião [Dissertação]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Botânica; 1997.

Matos FJA. Farmácias vivas - Sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades. 4ª ed. Fortaleza: EUFC; 2002. 267p.

Ming LC, Amaral Júnior A. Aspectos etnobotânicos de plantas medicinais na reserva extrativista "Chico Mendes". Disponível em: <http://www.nybg.org/bsci/acre/www1/medicinal.html>. Acesso em 25 de ago 2005.

Pinto EPP, Amorozo MCM, Furlan A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. *Acta Bot. Bras.* 2006. 20(4): 751-762.

Resende A. Preparo e cuidados com as ervas. *Ervas medicinais e terapias alternativas*. São Paulo; 2003. p. 4-5.

Silva AG, Lima RA, Santos MRA. Uso de plantas medicinais pela população de Nova Mamoré, Rondônia, Brasil. *Jornada Científica*; 2011; Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia, 2011.

Veiga Jr. VF, Maciel MAM, Pinto AC 2005. Plantas medicinais: cura segura? *Quim Nova* 28: 519-528

Zaroni M, et al. Qualidade microbiológica das plantas medicinais produzidas no Estado do Paraná. *Rev. Bras. Farmacogn.* jan.-jun. 2004. 14(1): 29-39

WHO. WHO guidelines on safety monitoring of herbal medicines in pharmacovigilance systems. Geneva: WHO; 2004: 68.